

A BIBLIOTECA ESCOLAR NO PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

Theodolindo Cerdeira

Analisa uma mudança do conceito de biblioteca escolar, através do desenvolvimento tecnológico, com novos recursos de comunicação. Além da função de suporte ao currículo escolar formal, a biblioteca – centro de recursos didáticos – objetiva desenvolver apreciação artística e o aprofundamento do conhecimento científico e tecnológico. Ressalta a importância do processo de planejamento educacional, com um enfoque sistêmico, onde se destaca o sistema demográfico, o econômico e o sócio-cultural. Focaliza a biblioteca escolar no contexto de um plano de educação.

INTRODUÇÃO

Na última década acumularam-se evidências de que a educação formal, por si só, não responde satisfatoriamente às exigências da sociedade moderna, e que, portanto, educar não é escolarizar. Alguns pessimistas vêem nisso o risco de que o próprio processo de educação estaria em vias de desintegrar-se. Educadores de vanguarda, por outro lado, defendem que a desescolarização – gradual para a maioria, radical para uns poucos – abriria novos horizontes à educação, através de formas complementares de atenção ao educando, as quais não estariam organizadas em torno de currículos, exames, notas e certificados, mas que se centrariam nos interesses, aptidões e habilidades de cada indivíduo. Parece, portanto, que a preocupação predominante é menos a supressão da escola que a sua renovação, e, paralelamente a ela, a multiplicação de instituições para-escolares; e a utilização de uma variedade de recursos educativos muito maior. Nesse contexto as bibliotecas escolares podem vir a ter não só uma importância nova, como também um novo caráter. Elas podem assumir um papel de muito maior relevância do que aquele que usualmente têm tido no desenvolvimento e na oferta de oportunidades mais flexíveis de educação, permitindo, além do suporte aos currículos, oportunidade para aquisição personalizada de conhecimento, segundo as motivações de cada educando. Desse modo, as bibliotecas escolares, embora vinculadas ao sistema formal de ensino, cumpririam o papel de abrirem largas vias de acesso a formas de educação que se caracterizariam

por flexibilidade e pelo estímulo à continuidade do processo educativo. A biblioteca serviria, assim, de ponte entre a educação formal que a estrutura atual da sociedade ainda requer, e a educação não-formal e permanente que já se anuncia como a mais compatível com as realidades da sociedade futura. Sob essa perspectiva, o que hoje ainda chamamos, por convenção, de biblioteca escolar, assumirá, gradualmente, uma nova estrutura e novas funções, à medida em que a própria educação substituir sua filosofia e seu caráter institucional, como inevitavelmente parecem indicar as tendências que hoje observamos.

No presente trabalho tentamos, de maneira breve e rudimentar, explorar algumas idéias em torno da nova concepção das bibliotecas escolares, e de como difundi-las em consonância com os planos de expansão e melhoria dos sistemas educacionais.

2. A BIBLIOTECA ESCOLAR

a) Conceito

Como já vimos que a crescente atenção às necessidades individuais é uma tendência marcante da educação de nossos dias. Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico vem colocando ao alcance das agências de educação grande variedade de novos recursos de comunicação, e, por conseguinte, de transmissão do conhecimento. Esses dois fatos estão determinando a modificação do conceito convencional de biblioteca escolar. Esta se constituía, tradicionalmente, de pequenas coleções de livros, periódicos e publicações existentes em cada escola, ou mesmo nas salas de classe. Pouco a pouco, a esse material de leitura, a biblioteca escolar passou a incorporar outros materiais de objetivação do ensino. Sob essa tendência ela passou a ser concebida como um novo tipo de centros de recursos educativos no qual a ênfase não é apenas colocada na leitura, mas, igualmente, em ouvir e observar materiais que compreendem slides, transparências, filmes, diagramas, reproduções de arte, fitas gravadas, etc. Como se vê, o conceito de biblioteca escolar alargou-se enormemente, passando a ser o de um centro em que a interação do educando com uma variada gama de recursos de comunicação os transforma em verdadeiros laboratórios de auto-aprendizagem.

b) Funções

Além da tradicional função de suporte ao currículo formal, a biblioteca — centro de recursos didáticos (B—CRD) — objetiva desenvolver habilidades de estudo independente e de cultivo personalizado de áreas especiais de interesse, tais como: a apreciação artística e o aprofundamento do conhecimento científico e

tecnológico. Essa nova orientação requer uma assistência específica à clientela quanto ao melhor uso dos materiais de instrução e de enriquecimento cultural. Por ir além dos limites prescritivos do currículo formal, essa assistência deverá motivar o educando a uma contínua busca do conhecimento, mesmo após ter cessado seu vínculo com a escola. Esse incentivo à assim chamada educação permanente ou continuada, sugere a idéia de que tais centros não deveriam limitar sua clientela aos alunos da escola. O envolvimento das famílias dos estudantes e a abertura das portas da B-CRD à comunidade, criará condições de reforço à ação educativa desenvolvida pela escola. Com efeito, ao contribuir para a elevação do nível cultural da comunidade como um todo, a B-CRD contribui para uma melhor compreensão da ação educativa da escola e reduz a distância cultural entre o educando e seu meio social.

c) Condições de bom funcionamento

Pessoal: Obviamente, é condição básica para o bom funcionamento de uma B-CRD, dispor de pessoal apto para administrá-la, cuidar da coleção de livros e demais recursos e prestar assistência à sua clientela. Em países em desenvolvimento, como o nosso, por serem tais recursos extremamente escassos, será necessário promover cursos intensivos de auxiliares de biblioteca e de pessoal técnico especializado na seleção, preparação e uso de recursos audiovisuais. Além disso, alguns professores deveriam ser especialmente treinados para orientar os estudantes quanto às técnicas de estudo independente.

Ambiente físico e equipamento: Devemos partir realisticamente da constatação de que, nos países em desenvolvimento, a maioria das escolas elementares e secundárias não possui condições para ter a sua própria biblioteca-centro de recursos didáticos. Portanto, várias soluções alternativas, que serão discutidas mais adiante, deverão ser cogitadas. Pode-se, por exemplo, pensar na criação de tais centros como unidades independentes, atendendo a um grupo de escolas próximas. Pode-se admitir também que a B-CRD seja parte integrante de uma escola maior que ofereça serviços a outras escolas vizinhas, as quais poderiam possuir pequenas bibliotecas de tipo convencional para suporte aos conteúdos curriculares.

Quanto às suas características físicas, as B-CRD, além das áreas reservadas à leitura, devem ter áreas para armazenar e usar os materiais audiovisuais. Compartimentos para discussão em pequenos grupos ou para uso do material audiovisual devem ser igualmente criados. Deve ser lembrada também a necessidade de criar dependências para produção e manutenção de material audiovisual. O equipamento e mobiliário devem ser funcionalmente planejados para oferecer fácil acesso aos materiais e condições de conforto físico.

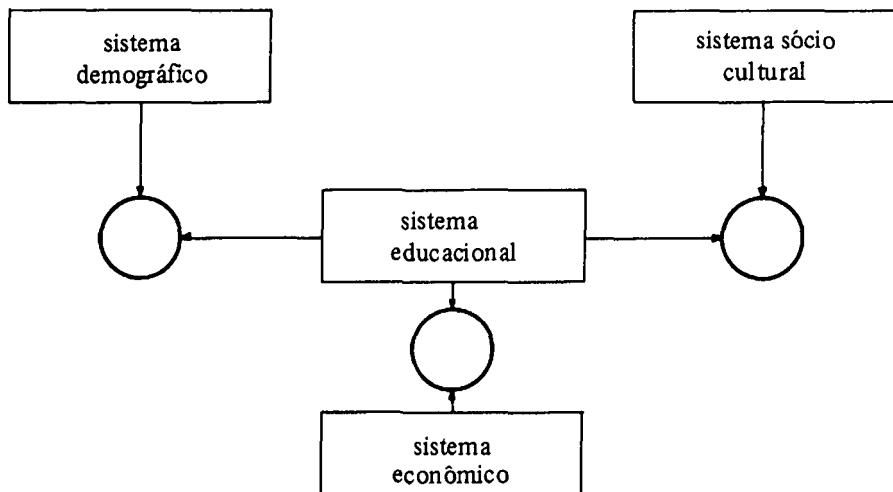
Finalmente, quanto à escolha dos materiais, deveriam ser estabelecidos, por órgãos oficiais competentes, critérios que orientassem as B-CRD na seleção, aquisição, produção e uso dos livros e de todos os outros materiais educativos.

3. O PROCESSO DE PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

a) Enfoque sistêmico

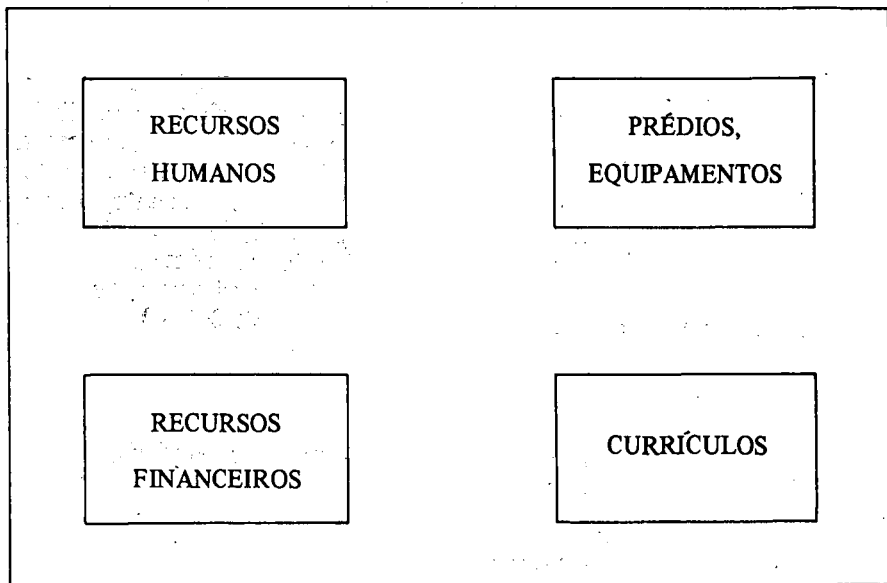
O planejamento educacional preocupa-se, a um só tempo, com a expansão quantitativa das oportunidades formais e não-formais de educação e com a melhoria qualitativa do produto do sistema educacional. Para isso ele utiliza técnicas de análise metódica do processo de desenvolvimento educacional, tendo em vista a sua adequação às necessidades do sistema sócio-econômico amplo no qual está inserido o sistema de educação. O emprego do termo sistema requer um esclarecimento: oriundo da necessidade de compreender a estrutura e a dinâmica de entidades ou organizações complexas, o enfoque sistêmico pode ser entendido como uma forma metódica de analisar estruturas complexas e as interrelações dos componentes que as integram. Esse enfoque é usado também na formulação de planos nos quais, pela utilização de modelos matemáticos e de técnicas apropriadas de um novo tipo de engenharia (a assim chamada engenharia de sistemas), se constroem ou se reconstroem organizações capazes de satisfazer os objetivos sociais com um máximo de eficiência e de efetividade. A essa luz, o planejamento educacional tem como ponto de partida o estudo das relações entre o sistema educacional propriamente dito e o meio em que está inserido, no qual se poderiam destacar como mais significativos o sistema demográfico, o econômico e o sócio-cultural. Tais relações compreendem um complexo jogo de ofertas e demandas, de cujo equilíbrio depende a qualidade do desempenho dos vários sistemas envolvidos.

O esquema a seguir ilustra essas interrelações:



Nesse diagrama os retângulos representam os sistemas, e os círculos representam intersistemas ou pontos em que as demandas e os suprimentos se encontram. Nesses intersistemas ou "mercados" tanto pode haver equilíbrio de demandas e ofertas como podem ocorrer desequilíbrios, ora no sentido da demanda, ora no do suprimento.

O estudo das interrelações entre demandas e ofertas, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo, é ponto de partida para a determinação das políticas, estratégias e táticas do desenvolvimento educacional. Sendo arbitrária a definição do sistema que nos interessa estudar, já que depende do nível do detalhe que desejamos em nossa análise, poderíamos aproximar o foco de nossa atenção para o sistema educacional e analisar os seus componentes. Dentro deste poderíamos destacar subsistemas, como demonstra o gráfico seguinte:



Ao considerar essa estrutura, teríamos não só que analisar as interdependências desses vários subsistemas, como também estudar como eles se comportam em termos de insumos, processos e produtos. O diagrama seguinte pode ser útil na visualização desses relações:

INSUMOS	PROCESSOS	PRODUTOS
Alunos	→ Aprendizagem	→ Indivíduos preparados para vida social
Pessoal	→ Recrutamento, Treinamento	→ Serviços
Prédios, Equipamentos	→ Expansão, rede física, manutenção	→ Oportunidades Educacionais
Currículo	→ Práticas Educativas	→ Modif. do comportamento do educando
Recursos Financeiros	→ Orçamentação, Práticas de execução financeira	→ Aplicação racional de recursos

As sucessivas análises até aqui esquematicamente indicadas, requerem, na prática, a utilização de um instrumental matemático que não cabe tratar nos limites deste curto trabalho. O que importa acentuar é que elas permitem não só a compreensão do desempenho atual do sistema educacional face às necessidades, valores e políticas do sistema social como um todo, mais ainda, oferecem orientação para a reconstrução do sistema educacional, e, até mesmo, a criação de novos subsistemas, nele funcionalmente integrados para uma expansão e melhoria das oportunidades de educação. É nesse contexto de enfoque sistêmico (ou de planejamento integral da educação) que se deveria entender a criação de uma rede de B-CRD.

b) Etapas

O desenvolvimento planejado de um sistema educacional abrange duas grandes fases, uma normativa e outra operativa, que podem ser desdobradas em cinco etapas:

- | | | |
|---------------------|---|---|
| I – Fase normativa | { | <ul style="list-style-type: none"> (1) Diagnóstico (2) Definição de objetivos, metas e prioridades (3) Programação |
| II – Fase operativa | { | <ul style="list-style-type: none"> (4) Execução (5) Avaliação |

O diagnóstico, compreendendo a descrição e a análise das relações do sistema educacional com seu meio ambiente e da sua própria estrutura e funcionamento interno, permite detectar problemas e prever a possível evolução da situação. Detectados os problemas, segue-se uma etapa de tomada de decisões em que se definem os objetivos e prioridades, em função das políticas de desenvolvimento social, bem como metas localizadas no tempo e no espaço. Conhecidos objetivos e metas, formulam-se programas de ação de curto, médio e longo prazo, compatibilizados longitudinalmente no tempo, e, também, racionalmente articulados entre si. Nesta fase importa sobretudo o desdobramento dos objetivos em especificações operacionais relativas aos meios e processos de ação. A fase de execução que se segue requer cuidadosa preparação de infraestrutura administrativa e o estabelecimento de arranjos legais e regulamentares que legitimem a divisão de responsabilidades e a alocação de recursos humanos, financeiros e materiais. É importante, também, o estabelecimento de um sistema de acompanhamento que permita a pronta detecção de deficiências nas operações e tarefas previstas. Na fase em que os programas ainda não estão suficientemente consolidados, adotam-se procedimentos sistemáticos que permitam uma aferição do desempenho dos programas face às especificações estabelecidas para insumos, processos e produtos. Esta é a chamada avaliação formativa, porque acompanha *pari passu* o desenrolar da ação, permitindo ajustes imediatos. Por outro lado, quando já estão melhor definidos os programas, realiza-se uma forma mais elaborada de avaliação, baseada em desenho de pesquisa que lhe assegure caráter científico. Esta etapa consiste no que se convencionou chamar avaliação somativa.

As etapas que acabamos de enumerar e explicar sumariamente têm um caráter ininterrupto e cíclico, e elas evidenciam que, ao contrário do que comumente se pensa, planejar não é apenas elaborar planos, programas e projetos, mas é um processo contínuo que formula, orienta, acompanha e avalia o desenvolvimento das ações que visam a modificar uma situação atual no sentido de tomar concreta uma situação futura que desenhamos idealmente, como uma espécie de "imagem" que sintetiza as aspirações da sociedade ou de uma organização.

Cabe acentuar que um programa de implantação de B-CRDs, como parte que é de um plano integral de educação, obedece às mesmas etapas desse plano.

c) Pontos críticos

O processo de planejamento, tal como está sendo descrito, envolve alguns pontos de dificuldade maior, que constituem, com frequência, a causa do insucesso de planos aparentemente bem formulados. Nesse sentido, recordando a distinção inicialmente feita entre a fase normativa e a fase operativa, poderíamos dizer que, de um modo geral, a metodologia utilizada na fase normativa (do diagnóstico à programação) atingiu um nível técnico relativamente satisfatório. É na

fase operativa onde maiores deficiências ocorrem. Os processos de organização, de gestão de sistemas e de avaliação, não atingiram, ainda, o grau desejável de rigor metodológico, dependendo em grande medida da intuição e da arte de gerir atividades dos próprios administradores. Portanto, cabe acentuar como pontos mais críticos os seguintes:

- 1) a adequada preparação de condições de infraestrutura organizacional e de dinâmica operacional, apoiadas numa concepção sistêmica de tomada de decisão;
- 2) o desenvolvimento de técnicas para a definição de especificações de recursos e de procedimentos que orientem clara e precisamente ações concretas;
- 3) o estabelecimento de critérios e de indicadores para avaliação, para medir até que ponto os objetivos estão sendo alcançados, e determinar quando eles foram completamente realizados.

Não deveríamos, finalmente, deixar de ressaltar dois aspectos essenciais ao êxito da implantação de um plano: a importância do envolvimento dos executores no próprio processo de planejamento, e a participação das comunidades na definição dos objetivos e dos programas de ação que as afetam.

4. AS BIBLIOTECAS ESCOLARES NO CONTEXTO DE UM PLANO INTEGRAL DE EDUCAÇÃO

A concepção de B-CRD que delineamos na seção (2) deste trabalho poderá determinar uma modificação no conceito de escola entendida como unidade autônoma dentro do sistema escolar. Sem pretender esgotar as alternativas de reorganização do sistema para melhor utilização dos recursos oferecidos pelas B-CRD, poderíamos imaginar soluções que, ajustando-se a um enfoque sistêmico, oferecessem melhor aproveitamento dos recursos humanos, físicos e materiais das B-CRD. Uma das alternativas nesse sentido poderia ser a de aproveitar escolas já existentes, e, de acordo com sua distribuição geográfica, selecionar aquelas que, estando melhor localizadas e dotadas de maiores recursos, pudessem estender seus serviços a escolas vizinhas. Formar-se-iam assim conglomerados de escolas interdependentes, constituindo uma unidade escolar complexa em cujo polo estariam concentrados serviços técnicos mais sofisticados, como: a B-CRD e serviços de supervisão e de orientação educacional (guidance). Uma outra alternativa poderia ser a da construção de centros independentes das escolas existentes, que proporcionariam, além dos serviços técnicos mencionados, aqueles que são próprios da B-CRD. Do mesmo modo que na solução anterior, este centro polarizaria as atividades de um grupo de escolas a ele vinculadas. Além do atendimento ao educando, as B-CRDs em ambos os casos ofereceriam, também, assistência técnica ao professor no que concerne ao planejamento didático, uso de materiais didáticos, avaliação, etc.

Nesta concepção do papel das B-CRDs não se exclui, por um lado, a existência de Biblioteca de tipo mais convencional nas próprias escolas, como se admite, por outro lado, a existência de Centros Regionais dotados de recursos materiais e técnicos ainda mais sofisticados e capazes de coordenar e assistir as B-CRD no âmbito de uma região geográfica, a qual poderia abranger todo um Município ou mesmo um grupo de municípios de uma mesma região.

A criação desse sistema de bibliotecas e centros em vários níveis, todos eles entre si ligados, desempenhando funções complementares, requer um elaborado processo de investigação de aspectos da situação social, cultural e educacional da região, para que se determinem, de um lado, as necessidades educacionais, e, de outro, o tipo de ação educativa que se deve desenvolver através da B-CRD. Demanda, por conseqüência, o desenvolvimento de uma programação que se ajusta aos demais programas que compõem o plano integral de educação.

Abstract

Trying to change the concept of the school library, through the technological development, with new sources of communications. Beyond its role of support to the schools programs, the library aims to develop the art appreciation and the improvement of the scientific and technological knowledge. The importance of the educational planning with emphasis on the demographic economics and social systems.

BIBLIOGRAFIA

1. ELLSWORTH, Ralph E. **La biblioteca escolar**. Buenos Aires, Editorial Troquel S.A., 1971.
2. HOSTROP, Richard W. **Education inside the library media center**. USA, Linnet Books, 1973.
3. PENNA, C.V. **The planning of library and documentation services**. 2 ed. Paris, UNESCO, 1970.
4. PFEIFFER, John. **New look at education: systems analysis in our schools and colleges**. USA, Odyssey Press, 1968.
5. SCHIEFELBEIN, Ernesto. **Teoria, técnicas, processos y casos en el planeamiento de la educacion**. Buenos Aires, El Ateneo, 1974.
6. STOTT, C.A. **School libraries: a short manual**. London, Cambridge University Press, 1967.
7. The University of the State of New York. **Towards a common goal: school-public library cooperation; Selected Articles**. Albany, N.Y., 1968.